

Fernando dos Santos de Oliveira

**O MESSIANISMO DE JESUS SEGUNDO MARCOS E O
CAMINHO DO DISCIPULADO**

Trabalho de Conclusão de Curso
submetido ao Curso de Teologia da
Faculdade Católica de Santa Catarina
para a obtenção do Grau de Bacharel
em Teologia.

Orientador: Prof. Dr. Gilson Meurer

Florianópolis
2020

Ficha de identificação da obra elaborada com o auxílio da
Biblioteca Dom Afonso Niehues da FACASC

Oliveira, Fernando dos Santos de

O Messianismo de Jesus segundo Marcos e o caminho do
discipulado / Fernando dos Santos de Oliveira; Orientador: Gilson
Meurer; Florianópolis, SC, 2020.

53 p.

TCC (Graduação – Teologia) – Faculdade Católica de Santa
Catarina.

Inclui referências:

1. Messianismo 2. Jesus 3. Marcos

Fernando dos Santos de Oliveira

**O MESSIANISMO DE JESUS SEGUNDO MARCOS E O
CAMINHO DO DISCIPULADO**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de **Bacharel em Teologia** e aprovado em sua forma final pelo Curso de Teologia da FACASC.

Florianópolis, XX de mês de 20XX.

_____ Rafael Aléx Lima da Silva _____
Prof. Dr. Nome Completo do Coordenador
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

_____ Gilson Muerer _____
Prof. Dr. Nome Completo do Professor
Faculdade Católica de Santa Catarina
Orientador

_____ Silvia Regina Nunes da Rosa Togneri _____
Prof. Dr. Nome Completo do Professor
Nome da instituição proveniente
Avaliador

_____ Siro Manoel de Oliveira _____
Prof. Dr. Nome Completo do Professor
Nome da instituição proveniente
Avaliador

Dedico esse trabalho a todas as pessoas que se empenham no profundo conhecimento de Jesus Cristo e da Sagrada Escritura.

AGRADECIMENTOS

Minha eterna gratidão a Deus pelo dom da vida, por ser chamado a viver e testemunhar seu amor misericordioso, bem como pelo dom da vocação sacerdotal, cujo caminho ainda estou percorrendo, sempre com a sua presença e o auxílio da sua graça.

Agradeço também ao orientador desse trabalho, pe. Gilson Meurer, pelo seu testemunho no estudo da Sagrada Escritura e pela dedicação em me auxiliar nessa pesquisa, fazendo com que eu pudesse me aprofundar no conhecimento da pessoa de Jesus Cristo e da Sagrada Escritura, me motivando a progredir no conhecimento e no encantamento de ambos.

Também sou grato aos que estiveram comigo durante minha pesquisa me auxiliando com livros, correções, palavras de incentivo e orações. Deus seja louvado pelo dom dessas vidas.

Por fim, minha gratidão ao evangelista Marcos que deixou para nós esse bonito testamento que é a sua obra. Assim, nos permite conhecer, amar e seguir Jesus como seu discípulo.

“E vós, perguntou ele, quem dizeis que eu sou?
Pedro respondeu: Tu és o Cristo.”

(Mc 8, 29)

RESUMO

Em sua obra Marcos escreve para motivar seus destinatários no seguimento de Jesus. Assim, ele apresenta quem é Jesus. Esse é seu objetivo. Mostra o verdadeiro Messias não ao modo em que vários judeus esperavam, mas como o Messias que veio para redimir seu povo do pecado. Por isso, o presente trabalho quer relacionar a visão de Jesus de Marcos com o caminho do discipulado, apresentando um Messias não ao modo em que vários judeus esperavam. Segundo os judeus, o Messias viria triunfante para restaurar Israel. Contudo, Ele é o Servo Sofredor, já profetizado por Isaías, aquele que deveria sofrer a extrema humilhação para depois ser glorificado por meio da ressurreição. Conforme as profecias, Ele viria da descendência de Davi. Dessa maneira, se apresentará o contexto desses destinatários e em que período ele foi escrito. Depois a verdadeira identidade do Messias que o evangelista apresenta e, finalmente, o caminho que deve fazer o discípulo de Jesus.

Palavras-chave: Marcos. Jesus. Messianismo.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1 CONTEXTO HISTÓRICO	17
1.1 O AUTOR	17
1.2 LOCAL E DATA	19
1.3 DESTINATÁRIOS	21
1.4 ESTILO DA OBRA	22
2 O MESSIANISMO	27
2.1 O MESSIANISMO NO ANTIGO TESTAMENTO	27
2.2 OS MOVIMENTOS MESSIÂNICOS	30
2.3 O MESSIANISMO SEGUNDO MARCOS	31
2.4 SEGREDO MESSIÂNICO	35
3 O CAMINHOD DO DISCIPULADO	41
3.1 O MESSIAS CRUCIFICADO E RESSUSCITADO	41
3.2 O DISICÍPULO	42
CONCLUSÃO	49
REFERÊNCIAS	51

INTRODUÇÃO

O tema do messianismo não é uma novidade nos escritos do Novo Testamento. Ao reportar-se aos autores do Antigo Testamento se encontrará esse tema sendo abordado em diversos livros.

O messias, era o rei, ungido por Deus e por meio dessa unção era revestido de poder para ser o representante divino na terra, onde as pessoas deveriam respeito e obediência.

No Evangelho segundo Marcos nota-se uma revelação ascendente de Jesus, o Messias, Filho de Deus, na história dos homens da Palestina. Tal revelação chegou aos tempos hodiernos. Ela se dá de modo muito bem estruturado. Dessa forma, o evangelista mostra a sua intenção de revelar quem é Jesus de Nazaré, o Filho de Deus.

Marcos apresenta Jesus como verdadeiro homem. Em várias perícopes ele mostra sua dimensão humana e em outras sua dimensão divina, outras ainda, as duas dimensões em um mesmo acontecimento.

Mostrando suas duas naturezas, o evangelista traduz a experiência do homem Jesus, o Filho único de Deus, Deus feito carne na história dos homens, sem desconectá-lo da história divina.

Segundo a narrativa marcana, a resposta que vai ao encontro da sua intenção de responder quem é Jesus é dizer que Ele é o Messias, Filho de Deus, crucificado-ressuscitado. Ao recorrer às confissões presentes na obra marcana, a de Pedro (8,29: “Tu és o Cristo”) e a do centurião romano (15,39: “Verdadeiramente, este homem era Filho de Deus”). Para Marcos, sem dúvida, Jesus é o enviado de Deus (9,37).

No entanto, é possível observar em diversas perícopes em que a identidade de Jesus está para ser revelada, Ele manifesta uma ordem de silêncio, como que querendo deixar isso em segredo.

Estando neste mundo, Jesus fez em tudo a vontade do Pai, a fim de que o plano salvífico se cumprisse. Durante sua vida terrena anunciou o Reino, ensinou, repreendeu, curou os doentes, expulsou os demônios, morreu crucificado, ressuscitou e ascendeu ao céu.

Alguns judeus do seu tempo, no entanto, não entenderam sua missão neste mundo. Para muitos, Jesus viera libertar o povo da opressão do império, fazendo da sua figura um libertador político ou apenas mais um profeta, ou ainda, um homem poderoso capaz de fazer milagres. No entanto, não foi essa a missão que o Pai lhe confiou.

Para tanto, essa pesquisa se propõe, em seu primeiro capítulo, contextualizar o tempo em que Marcos viveu e escreveu para sua comunidade e como viviam os primeiros seguidores de Jesus, a atribuição

dada a Marcos com relação ao escrito do primeiro evangelho e as motivações que o levaram a escrever essa obra.

Posteriormente, no segundo capítulo, buscará fundamentar a origem do messianismo a fim de que se compreenda o messianismo de Jesus. Depois disso, se explicará o tema do messianismo no evangelho segundo Marcos, isto é, que tipo de messias ele apresenta para os seus destinatários e porque em certos momentos de curas, exorcismos ou encontro com os doze, Ele dá ordens de silêncio a fim de que sua identidade não seja revelada.

No terceiro capítulo, então, será abordado o tema do caminho do discipulado, apresentando o modo que esse caminho acontece na vida daqueles que fazem adesão a Jesus, tornando-se seus discípulos e vivendo configurados à Ele.

1 CONTEXTO HISTÓRICO

Ao folhear as páginas do Evangelho segundo Marcos é possível observar que, comparado aos outros três, ele é o mais curto, e durante muito tempo não foi objeto de estudo e consulta por parte dos cristãos, pois acreditavam ser “[...] incompleto e desarrumado, sem um fio condutor”.¹ Outra característica que foi motivo de crítica a este escrito é a linguagem grega usada pelo autor. Muitos exegetas consideraram tal linguagem “[...] pobre e seu estilo pouco rebuscado”.²

No entanto, é possível observar que, “sob o ponto de vista da composição da teologia, Marcos é um dos autores mais geniais da Bíblia cristã”.³ Também se vê, ao longo do tempo, que apesar de curto, foi muito bem elaborado e que o autor não tinha intenção de uma beleza textual, mas a finalidade de ser fiel, o mais possível, na transmissão dos fatos para a sua comunidade. O autor quis guardar a memória de Jesus e contar os fatos dessa maneira “[...] para responder aos desafios e problemas que as comunidades enfrentavam”.⁴

Outra informação que ajuda entender ainda mais no estudo da obra de Marcos é que ele “é o relato mais antigo sobre Jesus que chegou até nós”.⁵ Portanto, isso faz dele o primeiro Evangelho. E por ser o primeiro fez com que servisse de base para os escritos de Mateus e Lucas.⁶

1.1 O AUTOR

Alguns Padres da Igreja testemunham que Marcos escreveu a pregação de Pedro, isto é, ele teria registrado aquilo que Pedro viveu e pregou. Dentre esses testemunhos está o de Eusébio de Cesaréia que diz: “[...] mas insistiam de todos os modos, suplicando a Marcos, cujo evangelho chegou até nós, e que era o companheiro de Pedro, lhes

¹ MOSCONI, Luis. **Evangelho de Jesus Cristo segundo Marcos**. 8. ed. São Paulo: Loyola, 2000. p. 15.

² WENZEL, João Inácio. **Pedagogia de Jesus segundo Marcos**. São Paulo: Loyola, 1997. p. 39.

³ WENZEL, 1997, p. 39.

⁴ MOSCONI, 2000, p. 15.

⁵ PAGOLA, José Antonio. **O caminho aberto por Jesus**. Marcos. Trad. Gentil A. Titton. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 11.

⁶ PAGOLA, 2013, p. 11.

deixasse um monumento escrito da palavra transmitida oralmente”.⁷ E também o testemunho de São Jerônimo que diz: “O evangelho que Pedro anunciava, Marcos escrevia”.⁸

Segundo Eusébio de Cesaréia, Marcos teria sido o primeiro pregador do evangelho no Egito. Por meio desse testemunho, o evangelista teria fundado a Igreja de Alexandria. “Narra-se ter sido este Marcos o primeiro a ser enviado ao Egito, onde pregou o Evangelho que havia escrito. Estabeleceu Igrejas, a primeira das quais na própria cidade de Alexandria”.⁹

Olhando, então, para a obra marcana e para o testemunho dos Santos Padres é possível ver uma relação de proximidade entre Marcos e Pedro. Em muitas perícopes o evangelista dá destaque a figura do apóstolo, que se sobressai em diversos momentos.

No episódio da figueira, Pedro protagoniza a fala: *Pedro se lembrou e disse-lhe* (Mc11,21); já em Mateus, o mesmo episódio é protagonizado pelos discípulos (Mt 21,20). Sobre a grandeza e a beleza do Templo, a pergunta admirada parece partir de Pedro (Mc 13,3-14), enquanto em Mt 24, 3 e em Lc 21,7 ela parte de todos os discípulos. No testemunho apresentado pelas mulheres sobre a ressurreição de Jesus, Pedro encontra-se em destaque (Mc16,7). Em Mateus, porém, o anúncio é genérico e dirigido a todos os discípulos (Mt 28,7).¹⁰

É importante dizer que Marcos não compôs o grupo dos apóstolos escolhidos por Jesus, entretanto, pode-se dizer que ele foi um discípulo de Pedro. Os dois possuíam uma profunda ligação espiritual. Em sua carta, chama-o de seu filho (1Pd 5, 13). Além de Pedro, o evangelista também é colaborador “de Paulo, que, da sua prisão por causa de Jesus e

⁷ EUSÉBIO DE CESARÉIA. **História eclesiástica**. Trad. Monjas Beneditinas do Mosteiro de Maria Mãe de Cristo. São Paulo: Paulus, 2000. p. 91; Hist. Eccl. II, 15, 1.

⁸ FERNANDES, Leonardo Agostini; GRENZER, Matthias. **Evangelho segundo Marcos. Eleição, partilha e amor**. São Paulo: Paulinas, 2012. p. 17.

⁹ EUSÉBIO DE CESARÉIA, 2000. p. 92; Hist. Eccl. II, 16, 1.

¹⁰ FERNANDES; GRENZER, 2012, p. 19.

do seu evangelho, reclama a presença e a atuação de Marcos no ministério [...] 2Tm 4, 11”.¹¹

Além disso, outras perícopes ainda, atestam a existência de Marcos e sua missão junto a evangelização no início da Igreja. Esses relatos, além do testemunho dos Santos Padres levam a crer que de fato ele tenha sido o autor deste evangelho. Dessa forma ele recebeu o nome de: τὸ εὐαγγέλιον κατὰ Μάρκον (Evangelho segundo Marcos).

A tradição sempre atribuiu a autoria a João Marcos, um jovem judeu convertido de Jerusalém, filho de Maria, em cuja casa costumava reunir-se um grupo de cristãos da cidade (At 12, 12). Ele acompanhou Barnabé e Saulo a Antioquia (At 12, 25), e de lá os seguiu em missão (At 13, 5), mas por pouco tempo (At 13, 13). Continuou a missão com Barnabé (At 15, 37.39) e depois voltou a trabalhar com Paulo (Cl 4, 10; Fm 24).¹²

Mesmo não fazendo parte do grupo dos apóstolos, Marcos deixa um bonito testemunho para seus leitores. Sua experiência do Messias acontece por meio de outras pessoas que conheceram-no, como é o caso dos apóstolos Pedro e Paulo.

1.2 LOCAL E DATA

No que diz respeito ao lugar que foi escrito o Evangelho, há opiniões diversas, por isso é um tanto quanto difícil precisar o local, mas há quem diga “que as comunidades estavam espalhadas pela Galiléia ou pela Síria, ou na região de além rio Jordão. A opinião ainda mais comum aponta como destinatários as comunidades cristãs de Roma e redondezas”.¹³ Independente do lugar, existe a afirmação de que esse escrito “já estava presente na comunidade de *Qumran*, destruída pelos romanos em 65 d. C”.¹⁴

No que se refere a data do Evangelho, gera muitas discussões que fazem surgir várias hipóteses, como por exemplo, “[...] se o evangelho foi

¹¹ FERNANDES; GRENZER, 2012, p. 13.

¹² MOSCONI, 2000, p. 25.

¹³ MOSCONI, 2000, p. 23.

¹⁴ MAZZAROLO, Isidoro. **Evangelho de Marcos. Estar ou não com Jesus**. 2. ed. Rio de Janeiro: Mazzarolo editor, 2012. p. 27.

escrito antes ou depois da destruição do templo de Jerusalém, ano 70”.¹⁵ Outros autores defendem ainda, que o evangelho tenha sido escrito “a partir de um material já elaborado pelos anos 50, e reelaborado por volta de 67 a 70”.¹⁶

Outra afirmação que ajuda a delimitar a data da redação é de que “Marcos não apresenta os traços polêmicos da ruptura com a sinagoga (depois do Concílio judaico em Jamnia, por volta de 85 d. C)”.¹⁷ Existe ainda quem sustente que o evangelho tenha sido escrito “[...] depois de 66 e antes de 70, o que parece dar mais coerência ao conjunto da narrativa”.¹⁸ Esta é a tese mais defendida pela maioria dos autores.

O período em que Jesus e Marcos se encontram é o mesmo, no entanto, Jesus nasceu no início e Marcos escreve seu evangelho no fim deste período. É o tempo do movimento de resistência ao Império Romano cuja consequência é uma luta armada nacionalista em que os zelotes organizaram para recuperar a dinastia asmonéia.

Jesus e Marcos vivem em um mesmo período histórico, que começa com o fim de Herodes, o Grande (37 a 4 a.C.), cujo domínio é dividido em três quartas partes, sendo a Judéia administrada diretamente por Roma, e termina com a guerra judaica contra a dominação romana, de 66 a 70, resultando não só na destruição do templo de Jerusalém, mas também na destruição econômica e política de Israel. Grande parte da população foi massacrada, e 97 mil pessoas, segundo Flávio Josefo, deportadas para o Egito.¹⁹

Esse é um tempo difícil tanto para Jesus, quanto para Marcos e sua comunidade, pois passaram por momentos de muitas tensões, incompreensões e intolerâncias. Dessa maneira, isso acabou tornando a caminhada árdua para ser superada.

¹⁵ WENZEL, 1997, p. 25.

¹⁶ WENZEL, 1997, p. 25.

¹⁷ MAZZAROLO, 2012, p. 27.

¹⁸ WENZEL, 1997, p. 26.

¹⁹ WENZEL, 1997, p. 25.

1.3 DESTINATÁRIOS

Outro dado peculiar deste evangelho é que seus destinatários parecem não conhecer o ambiente e as tradições judaicas, pois quando o autor trata de alguns costumes judaicos e usa certos aramaísmos, preocupa-se em dar explicações a fim de tornar claro aquilo que está escrevendo (Mc 3, 17; Mc 5, 4; Mc 7, 3-4; Mc, 7, 11; Mc 7, 34; Mc 14, 12; Mc 14, 36; Mc 15, 22; Mc 15, 34; Mc 15, 42).

Estes pormenores permitem dizer que este evangelho foi escrito, provavelmente, para destinatários habituados não com o aramaico mas sim com o latim. Por isso, a cidade de Roma foi considerada, por Irineu de Lião e Clemente de Alexandria, o lugar da edição final deste evangelho.²⁰

O contexto dos destinatários do evangelista é de muita dificuldade “[...] de perseguições, crises e dúvidas. Achavam-se um tanto perdidos, com medo, sem muita convicção e sem muita visão de futuro”.²¹ Assim, as opiniões sobre a pessoa de Jesus iam se tornando diversas gerando confusão. A consequência disso era que já não estava “bem claro o que significava ser discípulo e discípulo de Jesus”.²²

Frente a essa realidade Marcos quer esclarecer aos seus leitores quem de fato é Jesus e como se tornar seu discípulo. Para isso ele apresentará um percurso muito bonito e ao mesmo tempo exigente.

Era urgente dissipar as dúvidas, deixar bem claro quem era Jesus para que se pudesse segui-lo com confiança e sem medo. O Evangelho segundo Marcos apresenta um itinerário de fé claro, exigente e apaixonante.²³

Com seu escrito, Marcos quer motivá-los, apesar das dificuldades a permanecerem no caminho de Jesus, pois esse é o verdadeiro caminho.

²⁰ FERNANDES; GRENZER, 2012, p. 21.

²¹ MOSCONI, 2000, p. 22.

²² MOSCONI, 2000, p. 22.

²³ MOSCONI, 2000, p. 23.

O sofrimento causado pela perseguição e por tantas outras situações, faz os discípulos se configurarem mais ao Mestre.

1.4 ESTILO DA OBRA

Em seu escrito, Marcos apresenta um estilo próprio, cheio de peculiaridades que vão apresentando a identidade do Messias, suas diversas características e os diversos elementos que acompanham Jesus como a cruz e o sofrimento.

Estilo milagreiro, clarividente, exorcista, poderoso em sinais e palavras de Jesus seria importante para as comunidades greco-romanas, as quais valorizavam muito a fenomenologia mitológica dos personagens heróis e sábios. A cruz e o sofrimento ocupam um lugar importante no estilo marcano.²⁴

Nessa forma de escrever, duas características destacam-se: a linguagem narrativa e o diálogo. Já quanto aos personagens envolvidos no escrito, é possível identificar vários que contribuem para a construção da narração.

Os interlocutores são os discípulos, os demônios, os grupos políticos (saduceus, anciãos, escribas, fariseus e herodianos), o povo, os enfermos e possuídos e os leitores. O sujeito principal da conversa é Jesus, que chama, questiona, pergunta, responde com ditos populares, parábolas, discursos e ensinamentos que fazem calar, pensar e tomar posição – e ocupam mais de um terço da obra: 262 versículos, de um total de 678.²⁵

Além daquilo que já foi dito, não se pode também esquecer de que Marcos inaugura um novo gênero literário. Sobre isso, várias hipóteses são sustentadas.

“Uns pensam que Mc quis escrever uma *aretologia*: **um tratado das grandezas e virtudes de Jesus**. Outros opinam que procurou escrever a

²⁴ MAZZAROLO, 2012, p. 23.

²⁵ WENZEL, 1997, p. 40.

sua vida exemplar como profeta. Outros, finalmente, afirmam que o seu livro é uma espécie de *tratado teológico*, centrado na epifania ou *manifestação* de Deus em Jesus.²⁶

Evidentemente isso não deixa de ser verdadeiro, pois, de fato, Jesus é um homem virtuoso, é também enviado de Deus, como os profetas, e, ainda, não deixa de ser manifestação do divino. Isso, porém, não é tudo sobre Ele. Marcos traz uma novidade criada por ele mesmo e identificada logo no início de seu escrito: “Princípio do Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus.”²⁷

Mc criou, pela primeira vez e para sempre, um *evangelho*: um livro onde se testemunha a mensagem e a realidade do chamamento e da esperança escatológica do reino de Jesus. Escreveu, deste modo, um (o) manual da vocação cristã: o texto chave onde se define a identidade de Jesus e seus seguidores. O seu livro é autenticamente um catecismo, compêndio e expressão do caminho que os seguidores de Jesus devem percorrer para alcançar o reino.²⁸

O fato de o evangelho ser uma novidade está justamente no estilo de anúncio e presença alegre de Deus com relação ao ser humano. É algo que não está somente em Jesus, mas também nos seus discípulos que continuam no seu caminho, anunciando o seu Reino na história.²⁹ Isso leva, a partir da leitura da obra de Marcos, com que os seus seguidores (de Jesus) possam ter uma experiência sólida e profunda com Ele.

Inicialmente, esse evangelho é transmitido “[...] apenas pelo testemunho de vida e pela proclamação da palavra”.³⁰ Marcos busca apresentá-lo em forma de texto para uma comunidade e ser um itinerário dos discípulos e discipulas de Jesus. Sua intenção principal é o evento salvífico, obra dada por Deus, por meio de Jesus Cristo.

²⁶ PIKAZA, Xabier, **Para viver o Evangelho. Leitura de Marcos**. Trad. Pe. Idalino Simões. Coimbra: Verbo Divino, 1996. p. 9.

²⁷ BIBLÍA de Jerusalém. 5. ed. São Paulo: Paulus, 2008; Mc 1, 1.

²⁸ PIKAZA, 1996, p. 9.

²⁹ PIKAZA, 1996, p. 10.

³⁰ PIKAZA, 1996, p. 10.

Marcos pretendeu atualizar, em forma de texto, a boa nova histórico-pascal de Jesus. Não trata, por isso, da genealogia do divino (mito) nem se ocupa das leis sagradas de um povo (*Misná* judaica), nem define os princípios da realidade em forma de tratado racional ou teórico (filosofia), nem recolhe, um por um os pormenores e processos humanos da vida de Jesus (história). Há um fundo histórico em Mc: a memória dos factos fundadores da vida e morte de Jesus. Mas é uma história entendida, explanada e proclamada em chave pascal: *é a boa nova* ou evangelho da ação definitiva de Deus, salvação última para os homens.³¹

No evangelho, percebe-se, diversas vezes, Marcos recorrendo ao Antigo Testamento. Seu uso pode mostrar conhecimento com os escritos veterotestamentários ou isso pode vir de suas fontes. Independente disso, as alusões são fundamentais no entendimento da identidade de Jesus.

[...] Marcos estava muito familiarizado com o Antigo Testamento e usa-o às vezes como projeto para a vida de Jesus. Certamente muitas das narrativas que ele ou suas fontes compuseram estão cheias de alusões a textos veterotestamentários, e o livro de Isaías destaca-se como voz profética preferida. O texto de Marcos é tão cheio de possibilidades de interpretação que muitas vezes não sabemos dizer se o autor aludia conscientemente ao Antigo Testamento ou se este estava presente em seu subconsciente. Porém, de qualquer modo, essas alusões veterotestamentárias têm para nossa compreensão a mesma extrema importância que tinham para Marcos.³²

Mais do que qualquer coisa, o autor quer apresentar Jesus como o Cristo, isto é, o Messias, mas de modo gradativo e pedagógico, a fim de que seus leitores possam ter clareza da sua identidade e a partir disso possam assumir o discipulado e fazer o percurso próprio de quem é discípulo.

³¹ PIKAZA, 1996. p. 11

³² MALONEY, Elliott C. **Mensagem urgente de Jesus para hoje**. O reino de Deus no Evangelho de Marcos. Trad. Barbara Theoto Lmbert. São Paulo: Paulinas, 2008. p. 19.

Marcos é bastante enfático quanto ao mistério da identidade de Jesus. Em toda a primeira parte do evangelho ninguém tem uma ideia clara da identidade de Jesus, exceto os leitores a quem foi dito no Prólogo que Jesus é o Messias, Filho de Deus, e também por causa dos espíritos impuros que Jesus expulsa de alguns infelizes.³³

Para encorajar seus leitores, dado a realidade já apresentada que viviam, Marcos quer motivá-los a fim que continuassem firmes no caminho do discipulado de Jesus e testemunhando-o com suas próprias vidas, ainda que em momentos de perseguições. Sua mensagem consiste, basicamente em dizer que:

Jesus de Nazaré, o crucificado, é o Filho de Deus! (15,39). Ele ressuscitou e está vivo! (16,6). Portanto, vale a pena assumir as cruzes por causa do Evangelho, porque o resultado é a ressurreição e vida! (8, 34-36). Vale a pena testemunhar essa Boa Notícia (16, 15).³⁴ [Grifo do autor]

Este é um aspecto fundamental no evangelho escrito por Marcos: apresentar quem é realmente Jesus. Mostrar que, de fato, Ele é o Cristo (*Χριστός* - *Christós*), o Messias (*מָשִׁיחַ* - *Māšīaḥ*), tão esperado para a salvação da humanidade. No evangelho, ainda, Jesus recusa toda notoriedade e em diversas vezes dá ordens de silêncio aos espíritos ou as pessoas sobre sua identidade, mostrando que não deseja que ela seja revelada. A essas ordens de silêncio é dado o nome de “segredo messiânico”. Isso é, justamente um modo do evangelista apresentar a identidade de Jesus aos seus leitores.

Para tanto, realizada a explanação sobre o contexto histórico de Marcos e seus destinatários para entender o objetivo de sua obra, agora se passará a tratar da visão que Marcos apresente sobre Jesus, isto é, como o evangelista entende o Messias Jesus.

³³ MALONEY, 2008, p. 19.

³⁴ MOSCONI, 2000, p. 25.

2 O MESSIANISMO

A palavra Messias vem do hebraico que significa “ungido” (מָשִׁיחַ - *Māšīah*), que no grego é traduzida como “Cristo” (Χριστός - *Khristós*). No Novo Testamento, de modo especial nos evangelhos, esse termo foi empregado a Jesus. No entanto, para entender porque ele é atribuído a Jesus é necessário recorrer ao Antigo Testamento de onde vem essa palavra. Assim sendo, esse termo não é inaugurado com Jesus, mas já era usado muitos séculos antes pelos escritores veterotestamentários.

2.1 O MESSIANISMO NO ANTIGO TESTAMENTO

Os autores dos livros do Antigo Testamento usam a palavra Messias para designar, sobretudo os reis que eram ungidos por Deus, investidos de poder em vista de uma missão dada pelo Senhor. Essa unção “simboliza a sua investidura pelo Espírito de Deus (1Sm 9,16; 10, 1.10; 16,13), o rei é consagrado a uma função que faz dele o lugar-tenente de Javé em Israel.”³⁵

Embora essa palavra era usada, especialmente, para se referir ao rei, em alguns momentos “designou também outros personagens, notadamente os sacerdotes”.³⁶

Contudo, esse termo terá uma atribuição, de um modo muito particular, no livro de 2Sm 7 12-16, que trata da promessa de descendência a Davi, rei de Israel.

Embora o termo «Messias» (mashiah — unguido) seja utilizado para designar o sumo sacerdote (hakohen hammashiah — Lv 4,3.5.16; 6,15) e se fale também da unção de figuras proféticas (cf. IRs 19,16; Is 61,1), é ao rei de Israel, descendente de David, que se atribui, por excelência, o título de «ungido do Senhor».³⁷

³⁵ LEON-DUFOUR, Xavier. **Vocabulário de Teologia bíblica**. Trad. Frei Simão Voigt. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1984. p. 579.

³⁶ LEON-DUFOR, 1984, p. 578-579.

³⁷ CARVALHO, José Ornelas. Origem e evolução do messianismo em Israel. **Didaskalia**: revista de teologia da Universidade Católica de Portugal, Lisboa, v. 30, n.1, p. 29-51, 2000. p. 30. Disponível em: <<https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/18480>>. Acesso em: 28 jul. 2020.

Nessa perícopie está uma profecia que Deus faz a Davi, por meio do profeta Natã. A promessa é de que o Senhor fará permanecer a linhagem de Davi e firmará sua realeza (cf. 2Sm 7,12), constituindo, assim, a dinastia davídica. Essa se torna uma aliança feita por Deus que promete jamais deixar de perpetuar tal dinastia (cf. Sl 132, 17).

Davi, então passa a reinar, primeiramente as tribos do sul, e sete anos depois as tribos do norte pedem que ele reine sobre elas também. Como sua primeira decisão, ele escolhe uma capital para governar, contudo, não escolhe nenhuma cidade do sul, nem do norte a fim de que ambas não se ofendessem, por isso ele conquista uma cidade cananea, que não pertencia a nenhuma das duas tribos. Essa era a cidade dos jebuseus, que mais tarde ficou conhecida como Jerusalém.³⁸

Depois de escolher a capital do reino e sua cidade pessoal, Davi continua sua jornada como rei e passa a conquistar outros territórios e povos dos arredores, constituindo um grande império.

Sua obra posterior pode ser sintetizada em dois pontos. Primeiro, termina de conquistar todas as cidades cananeias existentes no território de Israel e as anexa a seu reino. Segundo, realiza uma política expansionista, conquistando e submetendo todos os povos vizinhos. Assim consegue formar o império mais poderoso da Síria-Palestina durante o século X a.C.³⁹

A figura de Davi torna-se bastante importante, pois com ele, se inicia uma dinastia prometida por Deus no livro de 2Sm 7, 16 garantindo a ele que sua casa e sua realeza subsistiriam para sempre bem como o seu trono. “Assim, Davi se torna uma figura messiânica (cf. Sl ; 110) tanto que o próprio Jesus será apresentado como ‘Filho de Davi’ (Mt 9,27; Rm 1,13)”.⁴⁰

Após a morte de Davi, seu filho Salomão o sucede no trono. Seu reinado é considerado um dos mais gloriosos da história de Israel. É um tempo dedicado à construções de grandes edifícios, como por exemplo, o Templo de Jerusalém e seu palácio. O comércio se desenvolve, são

³⁸ DIAZ, José Luis Sicre. **Introdução ao Antigo Testamento**. Trad. Wagner de Oliveira. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2015. p. 321.

³⁹ DIAZ, 2015, p. 322.

⁴⁰ MAZZINGHI, Luca. **História de Israel: Das origens ao período Romano**. Trad. Renato Adriano Pezenti. Petrópolis: Vozes, 2017. p. 58.

trazidos produtos exóticos da África, há um certo controle quanto as caravanas árabes, a riqueza aumenta, crescem as cidades e também o número de imigrantes. Todavia, cresce também a mão de obra para as grandes empresas construtoras realizada às custas dos mais pobres. Explode uma revoltada, sobretudo, pelas tribos do norte. Salomão, porém, tem forças suficientes para dominar a rebelião.⁴¹

Essa situação, todavia, se agravou com a morte de Salomão e seu filho Roboão assume o reinado, e é nesse período em que as tribos se dividem tornando-se dois reinos. “Neste momento do ano 391 termina a obra iniciada por Saul. A monarquia unida durou menos de um século. A partir de agora existirão dois reinos: o do norte, Israel e o do sul, Judá”.⁴²

Isso mostra que, ainda que o rei fosse revestido por Deus com uma missão, ao longo na história, alguns deles, tiverem determinadas atitudes que foram reprovadas por Javé. Frente a essa realidade, aparecem os profetas, que criticam com veemência as atitudes desses monarcas, pois foram responsáveis por desgraças com relação ao povo. Isso acarretará em uma consequência, abalando a intervenção divina na história de Israel.

A esta luz, o ideal de um rei futuro como consubstanciação da esperança na intervenção salvadora de Deus sofre um abalo. Não é, porém, a esperança na intervenção de Deus que é posta em causa, mas antes a expressão monárquica dessa salvação, que passa para segundo plano, em algumas correntes de pensamento, embora sem nunca deixar de constituir um dos pilares fundamentais da esperança de Israel.⁴³

Com a catástrofe do exílio, a ideia de um reino de Javé se desenvolve com mais força. A ideia que se tem, a partir de agora, é que o próprio Senhor é realmente o rei de Israel, o único salvador.

Após o exílio Israel não possui mais um rei, mas a esperança de um rei permanece. Essa esperança, entretanto, é concebida em uma nova perspectiva. O povo continua esperar na promessa de Deus sobre a descendência de Davi.

⁴¹ DIAZ, 2015, p. 322.

⁴² DIAZ, 2015, p. 323.

⁴³ CARVALHO, 2000. p. 31.

A história da monarquia de Israel se conclui com um paradoxo: uma vez que o rei tenha desaparecido para sempre após o exílio, a ideologia monárquica, contudo, não desaparece, mas sobrevive projetada no futuro, em chave escatológica e messiânica. O texto de Is 11, por exemplo, fala de um rei ideal, descendente de Davi, que será um rei justo e pacífico, ideia messiânica muito viva no tempo de Jesus descrito como o “Filho de Davi”, o rei que deve vir (cf. Mt 11,9-10; Lc 19,38).⁴⁴

Nas mensagens dos profetas,⁴⁵ encontram-se diversas profecias com esse conteúdo, aludindo a essa vinda messiânica. Isso garante a Israel que Deus permanece fiel em sua promessa feita Davi e que apesar de todos os conflitos acontecidos na história do seu povo Ele enviará aquele que garantirá a justiça, a unidade e a paz para o seu povo.

2.2 OS MOVIMENTOS MESSIÂNICOS

Na espera de serem libertados do jugo da dominação romana, os judeus esperavam uma intervenção sobrenatural a fim de salvar Israel de tal opressão. Daí provém os movimentos messiânicos existentes em diversas épocas, também no tempo de Marcos.

Esses movimentos eram grupos de homens com líderes fanáticos e idealistas revolucionária e religiosamente falando. Possuíam um patriotismo de tal forma que estavam dispostos a acabar com o domínio romano.⁴⁶

O primeiro grupo é do chamado Teudas, que achava ser um profeta da tradição mosaica. Ele conduziu vários de seus seguidores até o Rio Jordão e prometia demonstrar seus poderes proféticos dividindo as águas e fazendo o povo passar sem se molhar, como o povo que atravessou o Mar Vermelho.⁴⁷ Este homem é citado por Gamaliel no livro dos Atos dos Apóstolos que diz:

⁴⁴ MAZZINGHI, 2017. p. 68.

⁴⁵ Is 8,23-9,6; 32,1-8; Jr 23,5-8; 30,9; 33,14-26; Ez 17,22-24; 34,23-24; 37,15-28; Os 3,5; Am 9,11-12; Mq 5,1-5.

⁴⁶ RIBEIRO, Ari Luís do V. Jesus e os movimentos messiânicos. **Revista de Cultura Teológica**, v. 17, n. 66, p. 27-54, jan./mar. 2009. p. 42.

⁴⁷ RIBEIRO, 2009, p. 43.

Antes de nossos dias surgiu Teudas, que pretendia ser alguém, e ao qual aderiram cerca de quatrocentos homens. Mas foi morto, e todos que lhe dera crédito debandaram e foram reduzidos a nada.⁴⁸

Outro grupo desse movimento é liderado por Beijamin, o Egípcio que arrebanhou trinta mil seguidores reunindo-se com ele no Monte das Oliveiras para manifestar seu poder, dado por Deus de fazer ruir as paredes da cidade, da mesma forma com que fez Josué com os muros de Jericó.⁴⁹ Esse líder é também citado no livro dos Atos dos Apóstolos na perícopes em que Paulo vai preso e está diante do tribuno: “Não és tu, acaso, o egípcio que, dias atrás, sublevou e arrastou ao deserto quatro bandidos?”⁵⁰

Ainda no livro dos Atos dos Apóstolos, é possível encontrar um outro líder chamado Judas, conhecido como, o Galileu. Este também citado por Gamaliel: “Depois dele veio Judas, o Galileu, na época do recenseamento, atraindo o povo atrás de si. Pereceu ele também, e todos os que lhe obedeciam foram dispersos”.⁵¹

Um último líder ainda ser citado é um messias anônimo que também promoveu uma revolta com os romanos realizando uma marcha para o deserto e prometeu para seus seguidores a libertação e o alívio da desgraça.⁵²

De tempos em tempos surgiam homens assim que se autodenominavam messias, verdadeiros libertadores do povo dominado pelo jugo do império romano. No entanto, o que se vê é quem não eram realmente messias, pois nenhuma de suas ideias permaneceram e nem mesmo os seus seguidores.

2.3 O MESSIANISMO SEGUNDO MARCOS

Logo no início, mais especificamente no título, Marcos usa uma palavra utilizada pelo Império Romano: Evangelho. Palavra grega (*εὐαγγέλιον* – *euangelion*) que significa boa notícia.

⁴⁸ At 5, 36.

⁴⁹ RIBEIRO, 2009, p. 43.

⁵⁰ At 21, 38.

⁵¹ At 5, 37.

⁵² RIBEIRO, 2009, p. 43.

O evangelho, a boa notícia, eram os imperadores, especialmente quando visitavam regiões e cidades do império, levando benefícios, dinheiro, distribuindo alimentos, organizando gratuitamente diversões populares e libertando presos. Era uma festa. Geralmente faziam isso para disfarçar um poder opressor e corrupto e para controlar melhor as massas.⁵³

No entanto, esse conceito de boa notícia para Marcos terá um novo sentido. Segundo ele, a boa notícia é Jesus. E essa é sua intenção ao escrever para os seus destinatários, apresentar a verdadeira boa notícia que veio ao mundo: Jesus Cristo. E dizer também que Ele é o Filho de Deus, como logo afirma no título de sua obra.

O evangelista apresenta Jesus como o Cristo, isto é, como o Messias, o Ungido, aos seus leitores. É Nele verdadeiramente que as pessoas encontrariam alegria, benefícios e libertação.

Ao apresentar Jesus como o Messias, Marcos traz um novo conceito de messianismo. Contudo, não era esse tipo de messias que as pessoas pensavam e esperavam e isso causou grande confusão na concepção da época, inclusive nos próprios discípulos de Jesus, que demoraram entender que tipo de messias Ele era. E, certamente, tal confusão se fazia presente nos destinatários da obra marcana.

É um tanto quanto difícil de entender e aceitar o Messias apresentado por Marcos, afinal Ele era um Messias na linha do servo sofredor (8, 27-33), pobre, humilde, corajoso, libertador (11, 1-2), servidor (10, 45) crucificado e ressuscitado (16, 6).

Bem antes da redação do evangelho de Marcos, na época em que Jesus viveu, já se esperava um messias. Grande era a expectativa para a chegada messiânica. Cada grupo, porém, possuía a sua visão própria de messias.

[...] os doutores da Lei e os fariseus imaginavam o Messias como um Mestre da Lei, conhecedor de todas as leis e preceitos. Diziam eles que tempos melhores viriam somente quando todo o povo praticasse todas as leis explicadas pelo Messias. Os essênios imaginavam o Messias como uma espécie de sacerdote santo para preparar os filhos da luz no grande combate contra os filhos das trevas; os

⁵³ MOSCONI, 2000, p. 16.

batistas, como um profeta de muita penitência e austeridade; os zelotes, como um líder guerrilheiro à frente de um exército armado.⁵⁴

Jesus, porém, apresenta uma outra figura de messias. O messianismo dele é totalmente contrário daquele sentido equivocado que muitos pensavam. De fato ele era “[...] um Messias sofredor e não um Messias igual a um general vitorioso em tempo de guerra”.⁵⁵

O povo judeu esperava um salvador, o qual dava o nome de “messias”. Já no Antigo Testamento esse termo era usado. O termo era empregado, sobretudo, para se referir aos reis, que eram considerados como os representantes de Deus na terra. Eram o soberano de Israel.

Nos oráculos dos profetas exílicos e pós-exílicos surgiu a ideia de um Davi *redivivus*, um rei futuro que seria um soberano ideal como o rei Davi, que restauraria sua dinastia decaída em nova efusão do poder divino. Entretanto, no Antigo Testamento, essa figura esperada é chamada pelo nome de “messias” apenas uma vez, em Dn 9, 25-26.⁵⁶

É a partir dessas profecias que os judeus começam a esperar um “Messias”, que viria redimir Israel de um modo poderoso transformando-a numa grande cidade. Esse “ungido” esperado e soberano apareceria “com suas espantosas façanhas para transformar a nação deles no centro de um mundo renovado”.⁵⁷

Além de Messias, Marcos traz outro título a fim de explicar melhor o messianismo de Jesus, logo na primeira página de seu escrito: “Filho de Deus”. Isso para apresentar Jesus como um verdadeiro “representante régio que com sua obediência a Deus trará a salvação ao povo de Deus”.⁵⁸

Depois de perguntar aos Doze o que diziam a seu respeito, bem como o que eles diziam dele próprio (cf. Mc 8, 27) e ter a resposta de Pedro afirmando que de fato Ele era o Cristo (cf. Mc 8, 29) Jesus faz uma censura, advertindo-os para que não se contassem a ninguém aquilo que eles acabaram de escutar. Isso porque era necessário entender uma outra coisa a respeito do Messias.

⁵⁴ MOSCONI, 2000, p. 74.

⁵⁵ MOSCONI, 2000, p. 75.

⁵⁶ MALONEY, 2008, p. 39.

⁵⁷ MALONEY, 2008, p. 39.

⁵⁸ MALONEY, 2008, p. 42.

É porque a designação “Cristo” (“Messias” em grego) deve ser completada pelas palavras seguintes da boca de Jesus, quando “começou a ensinar-lhes: ‘O Filho do Homem deve sofrer muito [...], ser morto e, depois de três dias, ressuscitar’ (8,31; repetido em 9,31; 10, 33-34).⁵⁹

Jesus sabia que as pessoas não haviam ainda entendido o seu messianismo, também os escribas, por isso ele vai até o Templo para ensinar sobre isso, explicando como de fato é o verdadeiro Messias (cf. 12, 35-37). Com esse ensinamento “Jesus questiona claramente a expectativa comum do Messias como Filho de Davi (soberano judeu com grande poder temporal)”.⁶⁰

A chegada do Messias é se não, o cumprimento de profecias feitas no Antigo Testamento. Os livros proféticos trazem vários elementos característicos sobre a pessoa de Jesus que posteriormente no Novo Testamento tem seu cumprimento. Para falar do Messias prometido, Marcos cita o profeta Malaquias.

Marcos retoma a profecia de Malaquias (Ml 3,1; Mc 1,2) para mostrar que o caminho do verdadeiro Messias é o mesmo caminho de Deus. Tem a intenção de mostrar que João Batista está preparando o caminho do verdadeiro Messias, que é o caminho da libertação.⁶¹

As palavras e a prática de Jesus não condizem com aquilo que o povo de Israel esperava. Dessa maneira, suas expectativas não encontravam realização na pessoa de Jesus, pois o povo não conseguia enxergar um traço se quer daquilo que se esperava. Marcos mostra que “a prática de Jesus entra em conflito com aquilo que muitos esperavam de um messias, provocando decepções em uns e alegria e esperança em outros”.⁶²

⁵⁹ MALONEY, 2008, p. 38.

⁶⁰ MALONEY, 2008, p. 40.

⁶¹ NODARI; CESCÓN, 2009, p. 16.

⁶² BALANCIN, Euclides Martins. **Como ler o evangelho de Marcos: Quem é Jesus?** São Paulo: Paulus, 1991. p. 13.

De fato, Jesus frustra a expectativa de muitos dos seus conterrâneos, pois eles “esperavam um messias nos moldes do rei Davi, líder bélico, revestido de grandeza e majestade, e não como Jesus o viveu, pelo serviço e doação”.⁶³ Não é esta a missão do verdadeiro Messias. O unguento de Deus vem ao mundo “como um servo sofredor, como o messias segundo o desígnio do Pai”.⁶⁴

Fazer o povo entender sua missão se tornou um drama para Jesus, pois traz uma novidade com relação ao tema do messianismo, mas Ele continuou perseverante, pois precisava continuar fazendo a vontade do Pai que o enviou ao mundo para proclamar um Reino “completamente escatológico, fora das nossas categorias, transcendente, caracterizado pelo próprio mistério de Deus, de tal modo que as esperanças e projeções humanas não podem contê-lo”.⁶⁵

2.4 SEGREDO MESSIÂNICO

Um tema muito importante na obra de Marcos é o chamado segredo messiânico, cuja discussão ainda existe. Essa é uma teoria de W Wrede, segundo ele “Jesus nem foi nem se considerou Messias”.⁶⁶

Segundo este teólogo alemão a Igreja primitiva criou o messianismo e à luz da ressurreição “viu em Jesus de Nazaré, primeiro o Messias futuro que havia de vir, e depois, retrospectivamente, foi projetando o messianismo no ministério público de Jesus. Surge assim a imagem de Jesus-Messias”.⁶⁷

Um dado trazido, sobretudo por Marcos, é de um Jesus que ao curar nunca buscou ostentação em seu ministério. Diante de uma cura, por exemplo, “[...] pedia que não se fizesse propaganda (1, 43-44; 5, 43; 7, 36; 8, 26). Ordenava aos demônios que ficassem calados (1, 25; 1, 34; 3, 11-12)”.⁶⁸

⁶³ FERNANDES; GRENZER, 2012, p. 29.

⁶⁴ FERNANDES; GRENZER, 2012, p. 29.

⁶⁵ KONINGS, Johan. **Jesus nos evangelhos sinóticos**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 27.

⁶⁶ RENCA, Maria Sara da Ascensão. **O segredo messiânico no Evangelho de Marcos**. Disponível em: <<http://www.fmmportugal.com/multimedia/segredo-messianico.pdf>> Acesso em: 10 set. 2019. p. 2. [sem datação]

⁶⁷ RENCA, sem datação, p. 30

⁶⁸ MOSCONI, 2000, p. 72.

De fato, a partir dessas ordens de silêncio, o evangelista apresenta um Jesus sempre preocupado com as pessoas, para que “[...] cada uma delas, chegassem a uma fé convicta, consciente, pessoal, evitando entusiasmos superficiais. Também queria evitar todo mal-entendido sobre sua pessoa e missão”.⁶⁹

Pode-se dizer, a partir disso, que esse tema foi uma construção do evangelista para apresentar Jesus aos seus leitores. Marcos usa uma forma pedagógica para dizer quem é Jesus.

O segredo messiânico é um instrumento literário usado, sobretudo para orientar o leitor do Evangelho na compreensão da glória de Jesus e da grandeza da revelação cristã da qual ele participa. O evangelista utiliza o segredo messiânico para mostrar aos cristãos a razão pela qual os judeus não entenderam que Jesus era o Filho de Deus. Ou seja, só se chega à verdadeira identidade de Jesus pelo seu seguimento.⁷⁰

Nesse sentido, a cruz toma um lugar fundamental na teologia do evangelista, pois mostra que ela é condição necessária para o seguimento de Jesus. Isso faz com que Marcos possa explicar da melhor forma para seus destinatários, que sofriam perseguições, que os seguidores do Messias necessariamente passariam pelo mesmo caminho que o Dele se de fato quisessem assemelhar-se à Ele e segui-lo.

O segredo entende-se a partir da cruz. A cruz é central na cristologia de Marcos. A ideia de que o discípulo de Jesus tem de percorrer o mesmo caminho que Ele faz parte desta teologia da cruz. O segredo mostra que só é possível entender a revelação de Deus em Jesus seguindo-o, e por conseguinte, só depois da sua paixão.⁷¹

Desse modo, Marcos aponta que para conhecer Jesus Cristo e segui-lo não há outro modo se não o caminho da cruz para então chegar a ressurreição. Nesse itinerário, então, é possível reconhecer verdadeiramente Jesus como o Cristo.

⁶⁹ MOSCONI, 2000, p. 72-73.

⁷⁰ RENCA, sem datação, p. 3.

⁷¹ RENCA, sem datação, p. 3.

Com o segredo messiânico, Marcos quer fazer com que seus leitores entendam a verdadeira identidade de Jesus. Ele procura “salvaguardar o ministério público de Jesus para que não fosse ameaçado pelas falsas pretensões em torno de um messias preocupado apenas, em salvar o povo eleito no que dizia respeito às questões materiais”.⁷²

Para Marcos Jesus quer garantir que as pessoas que fizessem adesão “por ele e por sua causa fosse realmente devida a uma convicção”.⁷³ Isso significa que a opção pelo Messias não podia se dar simplesmente pelos milagres que Ele fazia, mas sim por quem Ele realmente era.

Inicialmente a missão de Jesus acontece no meio do povo, na Galileia. E isso se dá por meio das palavras e gestos dele, tal atitude acaba manifestando quem ele é, ou seja, revelam sua identidade.

As multidões, vendo tudo o que Jesus ensina e realiza, se interrogam a respeito dele, mas não conseguem ir além do reconhecimento de que ele age como se fosse um profeta (cf. Mc 1, 14- 8, 26). Não obstante isso, os milagres que Jesus opera e a sua palavra de autoridade revelam a força da sua atuação salvífica.⁷⁴

Posteriormente, já num segundo momento, Marcos apresenta uma outra manifestação de Jesus, no entanto, agora essa manifestação é realizada aos discípulos por meio do ensinamento dado a eles a partir da profissão de fé de Pedro (cf. Mc 8, 29). Jesus, junto com os seus discípulos, vai para Jerusalém onde, posteriormente, concluirá sua missão (cf. Mc 8,2 7 – 13, 23).

Jesus quer mostrar aos seus discípulos que a confissão Tu és o Cristo não era uma simples afirmação que brotara nos lábios de Pedro, mas consistia em uma revelação que exigia assumir, aderir e entender o plano divino para o Messias, isto é, a realização do Reino de Deus e de sua vontade.⁷⁵

⁷² FERNANDES; GRENZER, 2012, p. 30.

⁷³ NODARI; CESCÓN, 2009, p. 20.

⁷⁴ FERNANDES; GRENZER, 2012, p. 31.

⁷⁵ FERNANDES; GRENZER, 2012, p. 32.

Seguindo a estrada do sofrimento e abraçando sua cruz, Jesus continua seu caminho para salvar e resgatar todas as pessoas que o aceitassem em suas vidas como o seu Senhor e Salvador (Mc 10, 45). “A morte brutal de Jesus na cruz é a chave para a sua identidade e sua obra salvífica”.⁷⁶ Esse é considerado o terceiro momento de sua manifestação como messias. Agora, porém, isso se dá de maneira plena, cuja confissão é feita por um pagão, o centurião romano.

No terceiro momento, acontece, a revelação de Jesus, como Messias e Filho de Deus. Esse momento se realizou pela total doação de Jesus durante a sua entrega eucarística, que antecipa a sua Paixão e morte. É a auto revelação de Jesus como Messias e Filho de Deus. A cruz é o sinal que visualiza a sua identidade e a sua missão, concretizando, assim, a teofania que ocorreu no momento do batismo (Mc 1, 9 -11 é uma chave de leitura para todo evangelho), da transfiguração (cf. Mc 9, 7), e no momento em que um pagão, isto é, o executor da sentença, reconhece a filiação divina no crucificado: Verdadeiramente este homem era filho de Deus (Mc 15, 39).⁷⁷

A missão de Jesus como Messias era a libertação, mas entendida no sentido de libertar-se de algo totalmente diferente, que era o pecado. É para isso que Jesus pisa nesta terra, para realizar esse tipo de libertação e com isso ele apresenta o Reinado de Deus que não tem nada com relação a coisas materiais, mas que se constrói a partir de seus gestos e palavras. Isso mostra que além da libertação, a participação do reino se daria de outra forma.

Não era sua intenção libertar Israel da opressão romana (Cf. 12, 13-17), o seu reino não é deste mundo, para fazer parte dele é necessária a conversão, a renovação interior. Jesus veio para libertar o povo, não do domínio romano, mas do domínio do pecado. O desvelamento do seu messianismo provocaria um grande equívoco acerca da sua missão e da sua pessoa e aumentaria

⁷⁶ MALONEY, 2008, p. 57.

⁷⁷ FERNANDES; GRENZER, 2012, p. 33.

o risco de tumultos políticos, com a consequente intervenção romana.⁷⁸

Em hipótese alguma se pensaria na vinda de um messias que tivesse que sofrer, ser servo, humilde, pobre, crucificado, enfim, com as características de Jesus. Isso não era possível ser concebido pelo povo da época e, tampouco, as autoridades civis e religiosas. As ordens de silêncio dadas por Jesus encontram-se justificadas em razão dessa concepção messiânica da época. E por isso é possível ver Jesus, em diversos momentos de sua missão, impondo, a diferentes pessoas, ordens de silêncio com relação ao sinal que Ele havia acabado de realizar.

Jesus impõe silêncio aos demónios, que dizem que Ele é o «Santo de Deus» (1, 24); «o Filho de Deus» (3, 11), o «Filho do Deus Altíssimo» (5, 7), e faz o mesmo com enfermos depois de os curar, impedindo-os de divulgarem a notícia da sua cura (1, 44; 5, 43; 7, 35; 8, 26). A ordem de manter o silêncio é extensiva aos discípulos (8, 30), depois de Pedro confessar que Ele é o Messias e depois da transfiguração (9, 9).⁷⁹

O segredo messiânico é um caráter peculiar em Marcos, pois não foi desenvolvido meramente por acaso, na verdade ele “[...] faz parte de um sistema único, de caráter teológico, cuja finalidade é evidenciar que só a Páscoa permite conhecer a verdadeira identidade de Jesus”.⁸⁰ Assim não há equívocos no entendimento de quem é o messias e sim entender que em Jesus se tem um novo conceito de messianismo.

Lendo o evangelho de Marcos, o leitor perceberá que nele “cumpre-se e completa-se plenamente no Messias crucificado e ressuscitado. Só um olhar retrospectivo, iluminado pela ressurreição, permite compreender o significado e o alcance do messianismo de Jesus”.⁸¹ Messianismo esse, que é tão caro para Jesus que quer fazer com que todos entendam para segui-lo, tornar seus discípulos e discípulas e configurem-se cada vez mais a Ele.

⁷⁸ RENCA, sem datação, p. 4.

⁷⁹ RENCA, sem datação, p. 4.

⁸⁰ FUSCO, V. – Marcos. In NUEVO Diccionario de Teologia Bíblica. Dir. P. Rossano, G. Ravasi, A. Girlandada. Madrid: ed. Paulinas, 1990, p. 113.

⁸¹ RENCA, sem datação, p. 9.

Marcos traz vários relatos de curas, exorcismos, multiplicação de pães e peixes, mostrando as ações do Messias, mas Ele não é só isso. Entender Jesus como Messias só por essas atitudes é entendê-lo de modo parcial, pois a missão central dele não é, verdadeiramente, a libertação do poder das trevas, a salvação dos pecados.

Desse modo, uma vez entendido o autêntico sentido do messianismo de Jesus apresentado de Marcos é que se pode fazer o caminho do discipulado. Assim, para ser verdadeiramente discípulo é necessário primeiramente conhecer o mestre para depois segui-lo e configurar-se a Ele. Feito essa apresentação do verdadeiro Messias, o próximo capítulo apresentará o itinerário e o perfil do discípulo de Jesus.

3 O CAMINHO DO DISCIPULADO

Após contextualizar a obra de Marcos e descrever o messianismo de Jesus que ele apresenta se tratará do assunto do discipulado a Jesus. Uma vez que se entende sua real identidade, será possível, então, fazer o seu caminho tornando-se seu discípulo e configurando-se a Ele.

3.1 O MESSIAS CRUCIFICADO E RESSUSCITADO

Jesus é a expressão máxima do amor de Deus. Nele, o Pai, manifesta sua vontade amorosa de salvar todo gênero humano e faz uma nova e eterna aliança com seus filhos. Assim a humanidade pode experimentar do amor misericordioso de um Deus que permanece fiel, mesmo em meio as infidelidades do seu povo.

A salvação é obra da iniciativa divina, pois Deus nunca abandonou o homem pecador, antes, pelo contrário, movido pelo seu amor misericordioso, dispôs-se fazer uma nova aliança com o gênero humano para nos associar à sua vida e comunicarnos o seu bem e libertar-nos de todo mal.⁸²

O ser humano, portanto, não é merecedor de tal ato de Deus, no entanto, Ele é movido de misericórdia. Essa libertação realizada pelo Pai tem por finalidade libertar seus filhos e filhas por meio do seu Primogênito. “Ao entregar o seu Filho pelos nossos pecados, Deus manifesta o seu desígnio de amor benevolente que precede todo o mérito de nossa parte”.⁸³

O Messias verdadeiro é o crucificado e ressuscitado, aquele que libertou seu povo do pecado por meio da cruz. É Ele o novo Adão, que pela árvore da cruz, deu vida novamente a humanidade de que continua a chamar homens e mulheres para anunciarem o seu Reino, serem continuadores de sua missão.

Atualmente, existem pessoas que entenderam, verdadeiramente, a identidade de Jesus. Entenderam a mensagem do evangelho e vivem aquilo que Jesus viveu e ensinou. Por isso, só a partir daí é que se pode ser discípulo dele, pois o seguimento verdadeiro se dá quando, de fato, existe o real entendimento de quem é Jesus.

⁸² BARRIENDOS, Vicente Ferrer. **Jesus Cristo nosso Salvador**: iniciação à Cristologia. Trad. Antonio Mexia Alves. Lisboa: Diel, 2008. p. 127.

⁸³ BARRIENDOS, 2008, p. 128.

Muitos cristãos, na sociedade atual, entenderam a missão de Jesus e o sentido da morte na cruz. Sabem que ela não significa um fracasso, mas pelo contrário, é a vitória de Cristo sobre o a morte. A partir daí ela não tem mais a palavra final. Essa morte, não é como a que provém do pecado original do homem que tem a soberba de ser como Deus.

A morte de Jesus é de outro gênero: não provém da presunção do homem, mas da humildade de Deus. Não é a consequência inevitável de uma *hybris* (orgulho) contrastante com a verdade, mas é a atuação de um amor em que o próprio Deus desde até o homem a fim de atraí-lo novamente às alturas, para junto de Si. A morte de Jesus não entra na sentença dada à saída do Paraíso, mas encontra-se nos cantos do Servo de Iavé. Portanto, é uma morte no contexto do serviço de expiação: uma morte que realiza a reconciliação e se torna luz para os povos.⁸⁴

Assim, o discípulo pode entender, de modo integral, quem é o Messias sabendo que a mensagem da cruz é necessária para reconhecê-lo como o verdadeiro Messias. Da mesma maneira a mensagem da ressurreição não pode ser esquecida, afinal, o Crucificado Ressuscitou.

3.2 O DISCÍPULO

Da mesma forma que Jesus chamou os discípulos como Marcos apresenta, hoje Ele continua a fazer o mesmo como todos os homens e mulheres. Convida-os para integrar o número de seus discípulos e discípulas e assim possam aprender com Ele e testemunhá-lo a partir de suas vidas sua mensagem de amor.

Chamado por Cristo, o cristão é convidado a conversão, a mudança de vida. Na aceitação desse chamado é necessário esse processo de ruptura de certas atitudes que não correspondem com as de Jesus como é possível ver nos relatos de Marcos. A conversão “é adequar-se aos valores

⁸⁴ RATZINGER, Joseph. **Jesus de Nazaré: da entrada em Jerusalém até a Ressurreição**. Trad. Bruno Bastos Lins. 2. ed. São Paulo: Planeta, 2016. p. 227.

ensinados por Cristo, valores que nos arrancam do egoísmo, da injustiça e do orgulho”.⁸⁵

Marcos mostra Jesus que tem autoridade ao ensinar, pois seu ensinamento foi tudo o que Ele mesmo viveu. O convite de Jesus é que se passe de um mero discurso para a prática, ou seja, deixar de ser como os fariseus e doutores da lei que condenavam as pessoas da época com pesados ensinamentos que nem eles mesmos eram capazes de viver. O Pai é revelado por Jesus. Ele é o enviado de Deus para resgatar o seu povo e selar uma nova e definitiva aliança.

A autoridade que o Jesus de São Marcos mostra em Jerusalém é baseada em tudo que o autor já apresentou em seu Evangelho. É a autoridade daquele que é consciente de ser o “Filho Amado”. A quem os homens tem de “ouvir” (9, 6). Jesus vem revelando a Israel a face do seu ABBA. Esse é o mesmo Deus que tinha dito a Moisés: “Eu vi a opressão do meu Povo. Ouvi os gritos de aflição diante dos opressores” (Ex 3, 7). É o Deus que fez aliança com Israel, escolhendo-o para ser o seu Povo, e que continuamente chamava este Povo a uma autêntica conversão, através dos profetas: “Procurai o direito; corrigi o opressor; julgai a causado órfão, defendei a viúva (Is 1,17)⁸⁶

O evangelista dá bastante ênfase ao assunto do discipulado, pois em sua obra cita 46 vezes a palavra “discípulo” e 18 vezes a palavra “seguir”. Isso mostra um tema bastante caro para Marcos que quer deixar claro o percurso que se deve fazer para caminhar com Jesus.

Para o discípulo de Cristo, a cruz tem papel fundamental no seguimento a Ele. Sem cruz não há seguimento e sem seguimento não há configuração a Ele. O caminho do discipulado, necessariamente, exige que se abrace a cruz. É só por meio dela que o cristão caminha com Cristo e se configura a Ele, isto é, identifica-se cada vez mais com Jesus.

⁸⁵ GALILEIA, Segundo. **Seguir a Cristo**. Trad. José Fernandes. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1979. p. 9.

⁸⁶ COLAVECCHIO, Ronaldo. L. **O caminho do Filho de Deus**. Leitura contínua do Evangelho de São Marcos. Aparecida: Santuário, 1995. p. 149. (Série Bíblica; 2)

Identificar-se com Jesus Cristo é também compartilhar seu destino: “onde eu estiver, aí estará também o meu servo” (Jo 12, 26). O cristão vive o mesmo destino do Senhor, inclusive até a cruz: “se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, carregue a sua cruz e me siga” (Mc 8, 34).⁸⁷

Um verdadeiro discípulo é capaz de fazer a vontade de seu mestre e se preciso for dar sua vida, não impondo barreiras para isso. O cristão verdadeiro coloca sua vida a disposição de Cristo para aquilo que for necessário. De fato, ele testemunha, com a vida, aquilo que prega com as palavras. Não há incoerência entre vida e palavras. Muito pelo contrário, há uma estrita relação.

O discípulo autêntico possui um compromisso integral com o Senhor, uma comunhão íntima, que busca conhecer os seus ensinamentos e segui-lo, realizando a missão de pregar o Evangelho.⁸⁸

Jesus é um Mestre muito diferente do comum, logo, o caminho para o seu seguimento também é. Nesse caso é o Mestre que chama o seu discípulo no seguimento. O discípulo é aquele que busca imitar, o quanto pode, o mestre e se configura a Ele cada vez mais. Desse modo, ser discípulo é ser “um homem totalmente comprometido com Jesus e, com ele, empenhado no anúncio do reinado não só com palavras, mas como uma opção de vida”.⁸⁹

O chamado que Jesus faz para seus discípulos acontece em uma relação de liberdade com o discípulo. “Cristo prefere correr o risco da resposta a tirar a liberdade humana”.⁹⁰ E a primeira missão daqueles que são chamados por Ele é justamente para estar com Ele. Este é o tempo que Jesus forma, ensina para depois, então, enviar para a missão da proclamação da Boa Nova.

Ele chama para duas coisas: para ficar com ele” e para “para enviar a pregar e a expulsar os demônios” (Mc 3, 13-15). São as duas coisas mais

⁸⁷ CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2007, Aparecida. **Documento de Aparecida**: texto conclusivo. 7. ed. Brasília: CNBB, 2008. p. 74; DAp. 140.

⁸⁸ NODARI; CESCÓN, 2009, p. 100.

⁸⁹ BARBAGLIO, Giuseppe et al. **Os evangelhos**. São Paulo: Loyola, 1990. p. 541.

⁹⁰ NODARI; CESCÓN, 2009, p.84.

importantes na vida de um cristão ou de uma cristã: ser na comunidade (ficar com Jesus), e a comunidade realizar a missão que recebeu (pregar e expulsar o poder do mal). Não são duas coisas distintas. São como os dois lados da mesma medalha.⁹¹

O ser humano, por sua vez dá sua resposta de modo livre e consciente. Isso gera uma relação de compromisso entre Mestre e discípulo, pois “o discípulo é um homem totalmente comprometido com Jesus e, com ele, empenhado no anúncio do reinado não só com palavras, mas com uma opção de vida”.⁹²

De fato, seguir Jesus Cristo não é uma tarefa fácil, tão simples assim. O seguimento é um processo gradativo e que exige muito esforço do discípulo, verdadeira renúncia de si mesmo e total disponibilidade para entrar nesse caminho.

O seguimento de Jesus se revela como participação do Servo Sofredor, obediente até a morte. Significa ficar com Jesus no caminho da cruz; renunciar a si mesmo; tomar a sua cruz e segui-lo na certeza da ressurreição. A esse seguimento todos são chamados. O chamado de Cristo não é excludente. É aberto a todos e feito na liberdade.⁹³

Para andar com Jesus é preciso coragem, estar disposto totalmente e se entregar sem reservas, pois “não é fácil seguir Jesus e andar com Ele na contramão da sociedade. Ele exige muito. Pede que a gente esteja disposto a perder a vida por amor a Ele e ao Evangelho (Mc 8, 35)”.⁹⁴ Mas ao mesmo tempo é preciso lembrar que existem também alegrias e ter a certeza de que se Ele caminha com os seus, também os socorre nas necessidades de cada um.

É verdade que Jesus não impôs o seguimento a Ele, mas apenas fez o convite.⁹⁵ Ou seja, não é que todas as pessoas do mundo estão condicionadas a segui-lo. O que Ele fez, foi apresentar sua mensagem e

⁹¹ MESTERS, Carlos. **Com Jesus na contramão**. 17. ed. São Paulo: Paulinas, 2013. p. 66.

⁹² BARBAGLIO et al., 1990, p. 541.

⁹³ NODARI; CESCONE, 2009, p. 83.

⁹⁴ MESTERS, 2013, p 127.

⁹⁵ Mc 8,34.

projeto de vida, mas cabe a cada pessoa escolher ou não viver tal projeto. A escolha por Jesus “deve ser radical, ocupando o primeiro lugar, acima dos pais, dos filhos e da própria vida (Mt 10, 37-39)”.⁹⁶ Isso mostra a exigência do discipulado e faz com que nem todos se sintam preparados para entrar nesse caminho.

O seguimento é o ideal que germina e configura os traços da comunidade. É a experiência de sua modelação. O horizonte constituído é um reenvio ao significado de Jesus que percorre os caminhos do mundo indo ao encontro das pessoas lá onde elas estão, e no acolhimento cheio de compaixão que gera libertação e garante, pelo compromisso da fé, a redenção. O caminho de Jesus é concreto, e também o seu seguimento. Trata-se de um comprometimento no plano redentor de Deus, operado por seu ministério.⁹⁷

O discípulo nunca pode esquecer que seu Mestre ressuscitou. Morte e Ressureição é o binômio que deve estar presente na vida do seguidor de Cristo. O encontro com o crucificado nos garantirá a Ressureição. Lendo os escritos de Marcos é possível concluir que seguir e fazer a experiência com o crucificado é segui e fazer a experiência com o Ressuscitado, afinal é a mesma pessoa.

Ao final do evangelho segundo Marcos há o lembrete que Jesus é encontrado na comunidade de fé. Ao escrever a história de Jesus, o evangelista descreve a experiência que a Igreja tem deste mesmo Jesus, que agora é Ressuscitado.⁹⁸

O discípulo, portanto, deve ser um Jesus prolongado em sua ação, ele não é um mero repetidor, mas prolongador da presença e ação libertadora de Jesus. Marcos em sua obra sugere isso, na medida em que o discipulado é um processo de identificação com Jesus e sua maneira de agir.⁹⁹

O evangelho deixado por Marcos apresentou tanto Jesus de Nazaré, como o Cristo Ressuscitado. Desse modo, o Jesus que apareceu

⁹⁶ GALILEA, 1979. p. 101.

⁹⁷ AZEVEDO, Walmor Oliveira de. **Comunidade e missão no evangelho de Marcos**. São Paulo: Loyola, 2002. p. 215.

⁹⁸ COLAVECCHIO, 1995, p. 211.

⁹⁹ AZEVEDO, 2002. p. 165.

na praia com uma simples palavra conquista os quatro pescadores que lá estão. Isso recorda aos cristãos a autoridade que este Senhor tem, sobre sua Igreja e sobre o universo.¹⁰⁰

Mesmo com certas rejeições, por parte de algumas pessoas atualmente, por outro lado, Jesus tem atraído muitas pessoas, homens e mulheres dispostos a estarem com Ele e imitá-lo. Isso mostra que o reconheceram como o verdadeiro Messias e querem fazer acontecer o Reino de Deus, anunciando e colocando em prática tudo aquilo Jesus fez e falou. Aquele que foi considerado o blasfemador por se dizer Filho Deus e foi humilhado, crucificado e tido como o maldito por muitos de sua época, revelou sua missão plenamente com a ressurreição e voltou para junto do Pai para preparar um lugar para os seus,¹⁰¹ mas permanece entre o seu povo por meio do seu Espírito.

¹⁰⁰ COLAVECCHIO, 1995, p. 211.

¹⁰¹ Jo 14, 2.

CONCLUSÃO

Esse trabalho buscou tratar da visão que o evangelista Marcos apresenta para seus destinatários sobre a identidade messiânica de Jesus, mostrando sua missão nesta terra que em nada havia com relação a libertação política de Israel, mas o Messias, que já era profetizado por profetas do Antigo Testamento é totalmente contrário. Ele é enviado pelo Pai a fim de redimir a humanidade pecadora e reconciliá-la com Deus, afim de que as portas do Paraíso fossem novamente abertas.

Para isso foi necessário fundamentar, a partir do Antigo Testamento esse messianismo de Jesus argumentando porque Ele era o esperado de Israel a partir das profecias messiânicas. Deus havia prometido a Davi que sua descendência seria para sempre e que Ele cuidaria dela mantendo-se fiel conforme prometera. É com essa promessa que se desenvolve a dinastia davídica da qual Jesus é descendente.

Em sua obra, Marcos procura responder quem é Jesus. Sua missão é motivar as comunidades a quem escreve a perseverar no caminho do seguimento a esse Messias. O contexto é de muitas dificuldades. Essas comunidades foram severamente perseguidas por professarem a fé em Jesus Cristo.

Quando esteve nesse mundo, Jesus procurou, justamente isso, fazer com que as pessoas entendessem quem de fato Ele era e o objetivo que o Pai tinha de enviá-lo à Terra para viver entre os homens e mulheres.

Esse Messias, aos moldes do Servo Sofredor, que esteve a todo tempo servindo as pessoas ao invés de ser servido e passar pela humilhação extrema da morte na cruz, em meio aos ladrões frustrou muitos judeus de sua época que não idealizavam esse tipo de Messias.

Marcos mostra, em seu escrito, um Jesus sempre preocupado com a concepção que as pessoas tinham de si. Sua intenção não era com que elas o buscassem somente porque Ele era capaz de curar os enfermos, expulsar os demônios e multiplicar pães e peixes.

Pensar em um Jesus assim, não é entende-lo de forma integral, mas apenas de maneira muito superficial. Por isso sua intenção foi sempre de levar as pessoas a um profundo conhecimento de sua identidade, a fim de que elas compreendessem o que de mais valioso Ele poderia oferecê-las que era a salvação, redimi-las do pecado, por meio do sangue derramado na cruz.

Em certos momentos, os próprios apóstolos parecem não entender quem era Jesus. Mesmo caminhando com Ele, estando com Ele durante o seu ministério na vida pública, ainda parece não estar claro a real identidade do Mestre que estava diante deles. Viram muitos prodígios

realizados por Jesus e talvez tenha se deixado levar apenas por esses sinais que estavam diante de seus olhos.

Após um certo tempo, no meio do povo, realizando tantas maravilhas, Jesus se retira com seus para ensiná-los e prepará-los para o caminho que Ele deveria percorrer e que, posteriormente seria o caminho que também eles, como seguidores do Messias deveriam percorrer.

A partir disso, o presente trabalho buscou apresentar como deve ser o discípulo de Jesus, mostrando as condições necessárias para percorrer esse caminho.

Mas para fazer esse caminho, antes, deve haver o entendimento da pessoas de Jesus, isso é essencial, pois sem entendimento não pode existir seguimento verdadeiro.

Tal seguimento implica, necessariamente, em uma atitude de compromisso com o Mestre que chama todos, sem distinção, mas que pede fidelidade aos seus discípulos.

Com Marcos é possível entender que Jesus não promete um caminho só de facilidades, por isso, quem caminha com Ele deve estar preparado para, algumas vezes, sofrer com Ele, como também as primeiras comunidades cristãs e os próprios destinatários de Marcos cuja obra foi necessária para motivá-los no seguimento daquele que os havia chamado.

Em uma sociedade tão diversa no modo de ser, pensar e viver, existem pessoas que entenderam a real identidade de Jesus apresentada por Marcos. Tais pessoas encontram na Sagrada Escritura o caminho do discipulado e da configuração ao Messias, o Ungido de Deus.

Os evangelhos, sobretudo, são um grande testemunho de Cristo e de seus ensinamentos. Por meio deles é possível entender como seguir o caminho do Mestre para chegar a Ressureição. Só assim se entende que a cruz e o sofrimento não são as causas últimas do ser humano, mas que isso é apenas um caminho necessário na vida de quem se torna seguidor do verdadeiro Messias.

Assim, para quem descobriu o Cristo não se faz necessário buscar sentido para sua vida, pois o próprio sentido está em viver com Ele e abraçar seus ensinamentos.

Por fim, só reconhecerá Jesus como o Messias, como fez Pedro, quem mergulhar com profundidade em seus ensinamentos e deixar ser penetrado por eles, sem fuga, sem medo e sem dúvida de que a verdadeira vida consiste em observar seus ensinamentos e configurar-se com Ele a fim de se tornar um autêntico discípulo e testemunha para aqueles que ainda não O conhecem.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Walmor Oliveira de. **Comunidade e missão no evangelho de Marcos**. São Paulo: Loyola, 2002.

BALANCIN, Euclides Martins. **Como ler o evangelho de Marcos. Quem é Jesus?** São Paulo: Paulus, 1991.

BARBAGLIO, Giuseppe et al. **Os evangelhos**. São Paulo: Loyola, 1990.

BARRIENDOS, Vicente Ferrer. **Jesus Cristo nosso Salvador: iniciação à Cristologia**. Trad. Antonio Mexia Alves. Lisboa: Diel, 2008.

BÍBLIA de Jerusalém. 5. Ed. São Paulo: Paulus, 2008.

CARVALHO, José Ornelas. Origem e evolução do messianismo em Israel. **Didaskalia**: revista de teologia da Universidade Católica de Portugal, Lisboa, v. 30, n.1, p. 29-51, 2000. Disponível em: <<https://repositorio.ucp.pt/handle/10400.14/18480>>. Acesso em: 28 jul. 2020.

COLAVECCHIO, Ronaldo. L. **O caminho do Filho de Deus**. Leitura contínua do Evangelho de São Marcos. Aparecida: Santuário, 1995 (Série Bíblica; 2).

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO E DO CARIBE, V, 2007, Aparecida. **Documento de Aparecida**: texto conclusivo. 7. ed. Brasília: CNBB, 2008.

DIAZ, José Luis Sicre. **Introdução ao Antigo Testamento**. Trad. Wagner de Oliveira. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

EUSÉBIO DE CESARÉIA. **História eclesiástica**. Trad. Monjas Beneditinas do Mosteiro de Maria Mãe de Cristo. São Paulo: Paulus, 2000. p. 91; Hist. Eccl. II, 15, 1.

FERNANDES, Leonardo Agostini; GRENZER, Matthias. **Evangelho segundo Marcos. Eleição, partilha e amor**. São Paulo: Paulinas, 2012.

FUSCO, V. – Marcos. In **NUEVO Diccionario de Teologia Biblica**. Dir. P. Rossano, G. Ravasi, A. Girlandada. Madrid: ed. Paulinas, 1990.

GALILEA, Segundo. **Seguir a Cristo**. Trad. José Fernandes. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1979.

KONINGS, Johan. **Jesus nos evangelhos sinóticos**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

LEON-DUFOUR, Xavier. **Vocabulário de Teologia bíblica**. Trad. Frei Simão Voigt. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1984.

MALONEY, Elliott C. **Mensagem urgente de Jesus para hoje. O reino de Deus no Evangelho de Marcos**. Trad. Barbara Theoto Lambert. São Paulo: Paulinas, 2008.

MAZZINGHI, Luca. **História de Israel: Das origens ao período Romano**. Trad. Renato Adriano Pezenti. Petrópolis: Vozes, 2017.

MAZZAROLO, Isidoro. **Evangelho de Marcos. Estar ou não com Jesus**. 2. ed. Rio de Janeiro: Mazzarolo editor, 2012.

MESTERS, Carlos. **Com Jesus na contramão**. 17. ed. São Paulo: Paulinas, 2013.

MOSCONI, Luis. **Evangelho de Jesus Cristo segundo Marcos**. 8. ed. São Paulo: Loyola, 2000.

NODARI, Paulo César; CESCÓN, Everaldo. **Aprendendo com o evangelho de Marcos**. São Paulo: Paulus, 2009.

PAGOLA, José Antonio. **O caminho aberto por Jesus. Marcos**. Trad. Gentil A. Tilton. Petrópolis: Vozes, 2013.

PIKAZA, Xabier, **Para viver o Evangelho. Leitura de Marcos**. Trad. Pe. Idalino Simões. Coimbra: Verbo Divino, 1996.

RATZINGER, Joseph. **Jesus de Nazaré: da entrada em Jerusalém até a Ressurreição**. Trad. Bruno Bastos Lins. 2. ed. São Paulo: Planeta, 2016.

RENCA, Maria Sara da Ascensão. **O segredo messiânico no Evangelho de Marcos.** Disponível em: <<http://www.fmmportugal.com/multimedia/segredo-messianico.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2019.

RIBEIRO, Ari Luís do V. Jesus e os movimentos messiânicos. **Revista de Cultura Teológica**, v. 17, n. 66, p. 27-54, jan./mar. 2009.

WENZEL, João Inácio. **Pedagogia de Jesus segundo Marcos.** São Paulo: Loyola, 1997.